DA TIBIEZA DA FÉ À ALEGRIA DO ANÚNCIO DO EVANGELHO: UMA REFLEXÃO DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM* À LUZ DE LC 24,13-35

Mário José Gomes Júnior[1]

Resumo

Partindo da narrativa da perícope de Lucas: "levantaram-se e voltaram para Jerusalém" (Lc 24,33) e diante dos três ritos que norteiam e antecedem a ação missionária de anunciar - explicação da palavra, o partir do pão e o levantar-se - fazem dos discípulos de Emaús, que estavam com o "rosto sombrio" (Lc 24,16), sair da triste desilusão de que o "profeta poderoso" (Lc 24,19) não ressuscitara, a receberem do Cristo, imolado e ressuscitado, "um anúncio renovado que proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora" (EG n. 12).

Palavras-chave: Bíblia. *Evangelii Gaudium*. Anúncio. Discípulos.

1 INTRODUÇÃO

Os tíbios recebem um anúncio renovado que os impulsionam à alegria do Evangelho num gesto concreto de anunciar aos irmãos. "Levantaram-se e voltaram para Jerusalém. E eles narraram os acontecimentos do caminho e como haviam reconhecido na fração do pão" (Bíblia [...], 2002, Lc 24,33.35, p. 1833). Da tibieza à alegria do Evangelho, diz o Pontífice que "um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral" (EG n. 10), pois conhece o Senhor, fizeram uma experiência com o Senhor. Mas, na barca de nossa história, na barquinha de nossa vida, sabemos das lacunas que temos, dos medos, inseguranças, assim como estavam os discípulos: "Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?" (Bíblia [...], 2002, Lc 24,18, p. 1833). *Evangelii Gaudium, a* Alegria do Evangelho, publicada em 24 de novembro de 2013,

[1] Discente do segundo período do Curso de Bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – Escola de Educação e Humanidade.

Solenidade de Cristo Rei do Universo, primeiro documento do magistério do Papa Francisco, tem por finalidade propor diretrizes que possam encorajar, orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora cheia de ardor e dinamismo. Desse modo, seremos direcionados a uma breve releitura da perícope de Lucas 24,13-35 e a relação da *Evangelii Gaudium*. Neste texto citada com EG, com esta passagem: da tibieza da fé à alegria do anúncio.

2 A RELEITURA DE LUCAS 24,13-35

Após o misterioso evento da cruz, Cristo, o ressuscitado que "imolado, já não morre; e, morto, vive eternamente" (Missal Romano, 1992, p. 423), aparece aos discípulos de Emaús. Lucas apresenta-nos esta cena que tem lugar, personagens e ritos. Aquele que no monte se transfigurou a Pedro, Tiago e João (Lc 9,28-36), agora se apresenta aos discípulos de Emaús, glorioso, mas oculto, pois deseja que os homens e mulheres creiam que no terceiro dia ele ressuscitou.

A carta de Paulo aos Romanos afirmará: "a esperança não decepciona" (Bíblia [...], 2002, Rm 5,5, p. 1973). Afastaram-se de Jerusalém que é a casa, o aconchego, o ponto de unidade; afastar-se Jerusalém é deixar a segurança, o porto, o lugar dos irmãos. Por isso, o caminho de volta a Emaús se tornou escuro, não porque era noite, mas porque a Esperança daqueles dois homens e de tantos outros e mulheres que a Sagrada Escritura não cita fora quebrada. Estavam "como cegos" (Lc 24,16), narra a perícope de Lucas, "rosto sombrio" (Lc 24,17). Que caminho é este? Por que se tornou o caminho de Emaús tão doloroso, sem fé, descrente? Por que o evento da Cruz não foi crido e esperado ansiosamente pela manifestação do Filho do Homem? Um caminho ainda de luto, pois mesmo o Senhor narrando os eventos de outrora, ainda era escuro. Os descrentes se igualaram àquela escuridão de fé de Madalena (Jo 20,1).

Se o homem não encontrar o próprio Jesus na sua vida, o evento da cruz será escândalo, sem sentido, será descrido. A chave de leitura para compreender o evento da cruz é crer no Ressuscitado, o Vivente que

recebeu do Pai Todo-Poderoso a força de seu Espírito e o ressuscitou dentre os mortos, por isso que seus sofrimentos e dores e sua morte ganham sentido, pois é tudo plenificado em Deus Pai. Mas é necessário que Cristo glorificado silencie sua majestade para escutar a fragilidade dos discípulos que caminham para Emaús, que é também a fragilidade de tantos outros discípulos. Avistam-se dois contrapontos nesta caminhada de fé, Jesus, Cléofas e o discípulo que a Sagrada Escritura não cita o nome – este último pode ser todo aquele que é batizado ou que se identifique com a narrativa – de "um lado, a expectativa enganosa de um messianismo político nacionalista, do outro, a compreensão do verdadeiro projeto salvífico de Deus" (Fabris; Maggioni, 1992. p. 243).

Não reconheceram a Jesus, pois a tristeza desses não os fizeram olhar nos olhos do peregrino. Não reconheceram a Jesus na suavidade do caminhar, na voz, "parece que é sempre necessário haver um sinal concreto para manifestar Jesus às pessoas" (Storniolo, 1992. p. 212). No diálogo, Jesus escuta as dores destes homens, suas incertezas, seus medos e o motivo de estarem voltando a Emaús, distante de Jerusalém. Os discípulos narram o que aconteceu, aclamam que Jesus era um profeta grande, poderoso, e é, Jesus é o profeta de Deus:

> Jesus foi o profeta que revelou e praticou a misericórdia de Deus. Nossas comunidades sempre lembram o fato de Jesus, cheio de compaixão, ter ressuscitado o filho único da viúva de Naim. O povo todo glorificou a Deus (Mosconi, 1997, p. 71).

Depois de todo o discurso, o próprio Jesus narra os acontecimentos e fatos que prefiguraram a sua Encarnação, desde a Lei aos Profetas. Jesus concretiza as promessas que Deus faz ao seu povo dando libertação e vida. A Igreja, nascente, cheia de medo, de insegurança, aos poucos deve ir vendo na Escritura o acalento, quem é Jesus e que realmente ele deveria sofrer: dar a vida para redimir o seu povo, para consolar o seu povo, livrando das injustiças do tempo. Ele que é discreto e ao mesmo tempo penetrante, delicado e severo, sábio e humilde, sofredor, mas vitorioso, ele que é totalmente Deus e totalmente Homem. Cristo recria a fé dos discípulos de

Emaús.

É hora de se despedir, mas a ação de Jesus em querer partir se faz gesto e acolhida destes discípulos: "Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina" (Bíblia [...], 2002, Lc 24,29, p. 1833). Não sabem que é Jesus, mas a sua presença é acolhedora, sentem vontade de continuar e aprofundar a experiência do caminho percorrido. Fica conosco! Os discípulos querem permanecer na companhia deste Peregrino. Um Peregrino desconhecido é acolhido, traz para dentro, à intimidade. Quem é ele? O nosso coração arde ao ouvi-lo, Ele deixou que falássemos de nossas aflições, medos, incertezas, mas sanou nossa dor, deu-nos esperança. Quem é este Peregrino?

Sentam-se à mesa, aquela na qual somente os amigos se aproximam e dela fazem partilha, a mesa fraterna, ela que sem nada oferecer oferece o banquete real, o rito se presentifica: "E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo: 'Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória'" (Bíblia [...], 2002, Lc 22,19, p. 1828). Os verbos eucarísticos se entrelaçam e a ceia acontece, o alimento dos Apóstolos se tornou ceia e alimento, em forma de banquete, para os desesperançados de Emaús. Jesus depois de ressuscitado não se deixa reconhecer de outro modo a não ser na fração do pão. O gesto da escuta (leitura da palavra), partilha (a oração eucaristia), ir (o ide da Igreja, a urgência em anunciar), fazem os discípulos reconhecerem o Senhor nestas ações; "seus olhos se abriram e o reconheceram" (Bíblia [...], 2002, Lc 24,31, p. 1833).

Portanto, quem conhece a Jesus não pode ficar triste, por isso é necessário voltar para Jerusalém. O medo é cessado, eles creem firmemente que Jesus ressuscitou. Acreditam no reino novo que o próprio Cristo prepara àqueles que o seguem e tomam as suas cruzes de cada dia. Emaús pode ser em qualquer lugar, quando a visão está turva, estão cegos, perdidos, desiludidos, Emaús pode ser qualquer lugar. Mas quando se crer no Ressuscitado, que Ele venceu a morte e resgatou o homem do pecado, os olhos dos crentes devem permanecer fixos n'Ele, por isso, Jerusalém é o ponto de chegada, Jerusalém é o canteiro, é em Jerusalém que está a

comunidade nascente, é Jerusalém que aponta a Jerusalém Celeste para uma festa que não tem fim, um banquete que é garantido perenemente.

3 DA TIBIEZA DA FÉ À ALEGRIA DO ANÚNCIO DO EVANGELHO

É necessário voltar a Jerusalém para fazer comunidade entre os irmãos, assumir a missão de anunciar a Boa Nova do Evangelho. A pregação infatigável do Cristo receberá os discípulos de Emaús, "interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito" (Bíblia [...], 2002, Lc 24,29, p. 1833). O Senhor que nos chama quer, por primeiro, conhecer nossa história, nossa realidade, quem faz parte do itinerário da vida. A tibieza nos desorienta, toma-nos pela mão e nos cega, é necessário um Peregrino para nos ouvir e ensinar. A *Evangelii Nuntiandi* afirma: "As suas palavras – do Cristo – desvendavam o segredo de Deus, o seu designo e a sua promessa, e modificavam por isso mesmo o coração dos homens e o seu destino" (EN n. 11). Foi numa conversa, entre Jesus e os discípulos de Emáus, que despertou os corações desses dois homens. Há momentos que somente precisamos conversar com o Senhor e nos derramar na sua misericórdia.

Hoje, onde está a Jerusalém que precisamos visitar ou revisitar com o nosso entusiasmo missionário, no dinamismo que pede a Igreja? Quem são os tíbios que passeiam pelas veias das comunidades, que estão distantes, longe do centro? Quais são as desculpas usadas para que a alegria do evangelho não atue de forma concreta? Foi "Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito" (EG n. 12). Deus nos dá a graça de anunciar a sua bondade, suas maravilhas.

O Papa Francisco no início do seu pontificado já nos apresenta, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o seu sonho para a Igreja Universal. Pede a esta Igreja peregrina que esteja sempre alegre e feliz ao anunciar o Evangelho: "prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças" (EG n. 49), mas feliz por cumprir a missão que Jesus deixou: "Ide por todo o mundo, proclamai o

Evangelho" (Bíblia [...], 2002, Mc 16,15, p. 1785). São os tíbios das nossas comunidades que precisam de nossa ajuda, nossa visita, nosso ouvir, precisam da atenção para não se perderem no caminho, pois no barulho do mundo já não se houve a voz do Senhor.

É compreensível a realidade dos discípulos de Emaús quando retornam para casa, eles apostaram em uma Pessoa, tantos homens e mulheres apostam nesta pessoa, que é Cristo. Não se vive mais os sentimentos dos discípulos de Emaús, mas, hoje, quantas pessoas acabam sendo feridas, não pela ideia de Cristo, cabeça da Igreja, mas pelos membros da Igreja, são excluídas, rejeitadas, julgadas, por agentes que se fecharam em si e deixaram de acolher os filhos de Deus. Nota-se que mesmo quando tristes, abatidos, desiludidos, com a fé fraca, quase sem esperança, o Senhor continua a caminhar conosco, o Senhor continua a escutar as nossas dores, o Senhor espera o nosso tempo, o Senhor ouve as nossas lamentações e diz: Eu estou aqui, eu permaneço com você! Ele que ensina e dá alimento, exorta e sacia a fome. "A Igreja, como esposa de Cristo, deve ser o lugar da Misericórdia gratuita" (EG n. 114), e é isso que Cristo espera daqueles que fizeram uma experiência com ele e que são batizados, o selo do cristão, "da tibieza da fé à alegria do anúncio do Evangelho", ou seja, não se pode fechar as portas, negar a acolhida.

Os discípulos depois de terem tido uma nova experiência com o Senhor, tendo escutado a palavra e comido do pão, retornam a Jerusalém, para a Igreja, onde possam "sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho" (EG n. 114). A exemplo da ovelha perdida (Lc 15,4-7), também estes necessitavam de alguém que os pudesse animar e encorajar na crença de que Ele verdadeiramente ressuscitou. Estes discípulos que na manhã de domingo fugiam de Jerusalém, lugar da morte, perseguição, fracasso, na tardezinha, daquele mesmo dia, se põem no caminho de volta! Nada mudou em Jerusalém, o que mudou foi a certeza no coração dos discípulos de que Cristo realmente é filho de Deus e venceu a morte: voltemos para Jerusalém, para o convívio em comunidade, para enfrentar os vendavais da vida.

Assim,

> [...] sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual (EG n. 11).

É animados por este frescor evangélico que superamos nossas limitações frente as adversidades que encontramos no seio da Igreja, amando e perdoando, saindo de nós mesmos para nos encontrar com os prediletos de Deus. Somos convidados a ultrapassarmos as fronteiras de nossas comunidades, ousarmos nos meios e formas de comunicar a mensagem da Boa Nova.

A *Evangelii Gaudium*, de Francisco, está nesta saída da Igreja – num protagonismo leigo – para agir com misericórdia, no amor, perdão, acolhida, fazer-se presença. É uma exortação de resposta a uma Igreja pensada, sonhada por Paulo VI que desejava, num ato concreto, revitalizar os tantos homens e mulheres desta Igreja peregrina, e que agora, ver em Francisco a concretização. Por isso, o Pontífice nos encoraja na missão de anunciar, sabe das dificuldades que há no seio da Igreja, dos tíbios sem a alegria do anúncio, do autoritarismo frente ao povo, das cicatrizes, dos pastores sem cuidado aos fiéis, dos fiéis que se perdem frente a missão que fora confiada, e o Santo Padre pede: "Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!" (EG n. 109).

Avistemos, pois, que nem todo silêncio é sinal de contemplação, nem toda alegria é sinônimo de felicidade, nem todo serviço é gesto de caridade. Sonhamos com Francisco por uma Igreja em saída, sem a tibieza do medo, insegurança, mas, certos da ousadia evangélica animada pelo Espírito Divino, certos que Deus, na sua epifania, se encontra conosco na livre iniciativa de nos encorajar como homens e mulheres árduos na missão evangelizadora de anunciar o Reino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa lucana apresenta Emaús como o caminho do companheirismo: Cristo, por primeiro, vem a nós, os discípulos, abrem-se ao chamamento do Cristo na acolhida. Ele faz questão de caminhar, pois assim como era conhecida a comunidade cristã, o Caminho (At 9,2), é neste caminhar que Ele se revela: escuta e fala. Ele que é o autor da Lei e do qual os profetas anunciaram, faz-se caminho no caminhar de nossa história, assim, "quem arrisca, o Senhor não desilude; e quando se dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre-se que Ele já aguardava de braços abertos à sua chegada" (EG n. 3).

Esbarramos, pois, na limitação humana quando a escuridão nos toma pela mão e nos deparamos com a Soberania Divina, quando se inclina para acolher. E Francisco, o pontífice da ousadia evangélica, apresenta a largueza do Evangelho e que nele não há barreiras para a saída em missão: "Um anúncio renovado proporciona os crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora" (EG n. 11), alcancemos a todos, aqueles que se deixam encontrar, aqueles que precisam ser encontrados. A completa esperança dos discípulos de Emaús deve ser também a nossa quando vivida na experiência do Senhor ressuscitado, nossa saída em missão, aquilo que Francisco quer para a Igreja de Cristo, que não se feche em si, mas transborde Cristo na prática missionária.

Portanto, de Emaús, tiremos a alegria e a certeza de que mesmo em tempos de desânimo e perda, podemos encontrar esperança na ressurreição de Jesus. Ele está vivo e está conosco, e nos oferece sua presença: "permanece conosco" (Lc 24,29). Da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium,* o estimulo de sairmos das nossas cavernas, comodismos, das sacristias, dos grupos fechados que não se abrem ao sopro do Espírito, a irmos além fronteira das nossas comunidades, periferias, para encontrar os que estão distantes da Jerusalém – Igreja – para saciar os que têm sede e alimentar os que têm fome.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FABRIS, Rinaldo. MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Vaticano: 2013.

MISSAL Romano. Tradução Portuguesa da 2ª Edição típica para o Brasil. São Paulo: Paulus, 1992.

MOSCONI, Luis. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas*. São Paulo: Loyola, 1997.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Vaticano: 1975.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1992.